

Os sindicatos precisam esmagar o movimento anti-vacinação

Via [International Viewpoint](#)

Em uma assustadora demonstração de força, multidões fascistas saqueadoras tomaram as ruas de Melbourne por três dias consecutivos. [1] Eles destruíram escritórios do sindicato e ocuparam as principais artérias durante horas. Este é um desenvolvimento desastroso.

Os protestos têm atraído milhares de pessoas, a maioria homens, em grande parte da construção civil e de outras indústrias de “colarinho azul”. Pequenos operadores de construção, trabalhadores – alguns sindicatos e outros ativistas não sindicais e de extrema-direita se uniram para dar a impressão de que seu movimento é um recrudescimento de trabalhadores contra a autoridade.

Mas ao mesmo tempo – e em alguns casos a um simples lançamento de pedra – milhares de trabalhadores em enfermarias hospitalares, supermercados e centros de distribuição em toda a cidade estavam trabalhando para manter as pessoas vivas diante de uma pandemia mortal. Milhares de outros ficaram em casa, renunciando à renda, para proteger outras pessoas contra o vírus. Em sua esmagadora maioria, estes e outros trabalhadores cumpriram as ordens de saúde e fizeram fila para se vacinarem, reconhecendo-o corretamente como um ato básico de solidariedade social.

Os manifestantes têm apenas desprezo por tal solidariedade e pela classe trabalhadora real. Eles ridicularizam aqueles que respeitam as medidas de saúde como “ovelhas”. Eles vêem as medidas de saúde que salvam vidas como uma incursão insuportável em sua liberdade pessoal. Eles destruíram os

escritórios do Sindicato da Construção, Silvicultura, Mineração e Energia, que eles culpam, juntamente com o governo estadual, pela introdução de um mandato de vacina na indústria da construção. A oposição à vacinação, mandatada ou não, tem sido o tema chave de suas ações, mas não se limita a isso. Eles são hostis ao esforço de controle da COVID-19 em geral, vendo-a como uma manifestação do poder tirânico do governo, semelhante ao comunismo.

Sobre isto, eles tomam pistas da corrente dominante e da extrema direita. Seu protesto contou com a presença do deputado estadual liberal-democrata David Limbrick, um homem de extrema-direita que acha que a COVID-19 deve ser tratada como a gripe e descreve os esforços para mantê-la fora de Victoria como “absurda”. Estas visões anti-humanas são compartilhadas por políticos como Pauline Hanson e George Christensen, bem como por grande parte do Partido Liberal dominante.

Enquanto Morrison e seus aliados parlamentares e empresariais estão felizes em defender a vacinação como seu bilhete para voltar aos negócios sem restrições como sempre, outros não conseguem romper com a hostilidade às medidas de saúde pública de longo alcance que tem sido o instinto político dos governos liberais durante toda a pandemia, mesmo que nem sempre tenham sido capazes de agir. O senso de responsabilidade coletiva e as medidas de saúde de solidariedade social dependem de seu sucesso são simplesmente demais para aqueles que priorizam acima de tudo suas liberdades individuais e os direitos dos proprietários de pequenas empresas.

Por sua vez, a extrema-direita fora do parlamento reconheceu uma oportunidade na crise da COVID-19, primeiro na oposição aos lockdowns e, mais recentemente, na desconfiança em relação às vacinas e aos mandatos vacinais. Eles tentaram conectar a política paranóica e conspiratória com o anti-autoritarismo individualista e a desconfiança dos patrões e do governo, com algum sucesso. Apesar de atrair muito pouco apoio da corrente

dominante – até mesmo a imprensa de Murdoch manteve distância desde que a mensagem anti-vacinação chegou – os comícios de direita contra as medidas da COVID-19 têm sido bem sucedidos e determinados. A rodada atual representa uma séria elevação da fasquia e é um sinal sinistro para o futuro.

Na medida em que os trabalhadores sindicalizados estão envolvidos e influenciados por esta loucura, algumas culpas devem ser dirigidas à liderança do sindicato da construção civil. Ambos capitularam ao sentimento anti-vacinação existente dentro do sindicato e criaram espaço para que ele tome posse onde ainda não existia. O fracasso do sindicato em endossar o mandato vacinal, e sua tendência a pedir desculpas por refugos de vacina, contribuíram para que os trabalhadores da construção civil tivessem os maiores índices de hesitação de vacinas do país. A pesquisa “Taking the Pulse of the Nation” do Instituto Melbourne, da segunda semana de setembro, constatou que um em cada três trabalhadores da construção civil não estava disposto ou inseguro sobre a vacinação – o nível mais alto de hesitação de qualquer indústria.

Este não é um desenvolvimento recente. Desde o início da pandemia, a prioridade do sindicato tem sido manter a indústria aberta, o que tem inevitavelmente fomentado uma certa hostilidade às medidas de saúde. Já em março de 2020, quatro dos mais altos funcionários do sindicato se reuniram com a Master Builders Association para discutir como a indústria poderia permanecer aberta enquanto outras atividades essenciais estavam sendo reduzidas. Esta colaboração resultou em uma apresentação conjunta ao governo estadual esboçando um plano para que a indústria operasse através da pandemia.

Em contraste com a habitual priorização da segurança no trabalho por parte do sindicato, isto implicava arriscar a saúde de seus próprios membros, e da comunidade em geral, em prol dos lucros da indústria da construção civil e dos cheques de salário semanais de seus membros. Esta postura encorajou uma atitude na construção civil de que as medidas da COVID-19

eram uma ameaça inaceitável à subsistência que deveria ser tratada com ceticismo, uma atitude que, pelo menos em alguns setores, endureceu ao longo do tempo.

Tem sido a mesma história de colaboração de classe e imprudência anti-social nos bloqueios subsequentes. Conversando com o jornalista Ben Schneiders, a CEO da Master Builders Association Rebecca Casson resumiu a relação da era pandêmica: “Fair play para John [Setka, o secretário de estado do sindicato de construção], foi a primeira vez na história que tivemos esse nível de confiança, e isso nos permitiu ser ágeis e fazer coisas que nenhuma outra indústria foi capaz de fazer” – ou seja, manter as operações a todo custo.

A mensagem enviada aos trabalhadores da construção civil foi: seu salário vem em primeiro lugar, não o bem coletivo. Não é de se admirar então que a extrema direita, com seu ceticismo e hostilidade às medidas de saúde pública da COVID, pudesse ter mais audiência aqui do que em outras indústrias.

Isto também reflete a erosão das tradições políticas de esquerda em um dos sindicatos mais militantes do país. A consciência de classe genuína não se trata de defender uma indústria ou um salário individual acima de tudo. Trata-se de defender os interesses da classe como um todo, o que exige uma apreciação do contexto social mais amplo.

Se isto significa ficar em casa para manter todos em segurança, então as medidas necessárias para facilitar isto, como o pagamento total da licença pandêmica, são pelo que os trabalhadores devem lutar. Aliar-se com o patrão para garantir que os lucros continuem rolando não é anti-autoritário, mas sim retrógrado, um setorismo imprudente. E é um insulto para os milhares de trabalhadores da saúde e outros trabalhadores essenciais que suportam o peso de tal imprudência.

E enquanto o primeiro-ministro vitoriano Daniel Andrews não se coibiu de condenar a máfia fascista, seu governo também

capitulou ao excepcionalismo da indústria da construção. Foi relutante em agir quando os chefes de construção desafiaram abertamente as restrições durante o atual fechamento da Delta, fazendo com que os canteiros de obras se tornassem locais significativos de propagação da COVID-19. Em uma blitz recente, oficiais WorkSafe autorizados relataram ter encontrado mais de 70% das obras que não estavam em conformidade com as ordens sanitárias. E isto foi no contexto de restrições mais fracas, que por sua vez foram o resultado da falta de vontade da Andrews de fazer frente à ira antibloqueio dos chefes, mesmo em face de uma cepa mais infecciosa do vírus.

Tudo isso significa que o governo está agora enfrentando uma oposição combinada ao seu mandato vacinal. Esta oposição precisa ser quebrada e o mandato mantido. Para a máfia fascista, estabelecer suas posições egoístas e anti-sociais como legítimas seria um desastre. A direita fascista teve uma demonstração de força em Melbourne e demonstrou uma capacidade de usar a pandemia para obter apoio. Embora represente uma minoria minúscula da população em geral, bem como da força de trabalho de 300.000 trabalhadores da construção civil, os manifestantes são uma força que precisa ser combatida.

É positivo que outros sindicatos, particularmente de trabalhadores da saúde, tenham condenado os protestos e que tenha havido um amplo escárnio em relação aos participantes. [2] Quando e onde possível, estes sentimentos devem ser transformados em ação com urgência e todo o poder do movimento sindical mobilizado para defender os princípios de solidariedade e respeito pela vida humana.